Ética cristã na Sociedade Moderna

MÁRIO MARCELO COELHO¹

Resumo: A ética cristã impulsiona a construir um mundo solidário, que responda às grandes aspirações humanas de igualdade e liberdade, que defenda e guarde a dignidade e os direitos humanos à luz da fé. O conhecimento de uma ética cristã coloca-nos diante da sociedade e chama nossa atenção para o papel do cristão na atividade social. Frente a essa forma de vida social, sentimos forte chamado para promover uma sociedade diferente, que esteja marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos.

Palavras-chave: Ética cristã. Sociedade moderna. Solidariedade.

Title: Christian Ethics in Modern Society

Abstract: Christian ethics induces to build a solidly world, that respond to great aspirations of equal rights and freedom, a world that defend and protect dignity and hu-

-
1. Mestre em Zootecnia pela Universidade Federal de Lavras, MG e Doutor em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana — Roma/Itália. Professor de Teologia Moral e Bioética na Faculdade Dehoniana, em Taubaté, SP. Religioso Presbítero da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus (dehonianos).

man rights in the light of Faith. Knowing Christian ethics puts us in front of the society and reminds us the role of Christians in social life. We feel a strong call to promote a different society, marked by solidarity, by justice, by respect of human rights.

Keywords: Christian Ethics. Modern society. Solidarity.

Introdução

A ética cristã tem hoje a incumbência de infundir coragem no ser humano em meio ao mundo tornado complicado e às vezes incontrolável. Muitos têm medo dos desequilíbrios ecológicos, do aumento da violência, dos problemas econômicos e sociais provocados pela estrutura mundial em um mundo globalizado. A enorme desigualdade entre ricos e parte dos pobres do mundo coloca em discussão os esforços que se têm feito para conseguirem uma maior igualdade entre as pessoas. Também, diante da possibilidade do uso de armas químicas, da manipulação da vida humana por parte das ciências biológicas e das novas tecnologias, coloca-se em debate qual o sentido hoje em dia da civilização tecnológica. As incertezas, inseguranças e muitas vezes o medo, têm se tornado o distintivo da sociedade atual. As inseguranças que brotam do modo de vida da sociedade atual aumentam a preocupação com o qual não poucas pessoas olham para o futuro.

Os bispos em Aparecida afirmam que, as mudanças culturais modificaram os papéis tradicionais de homens e mulheres, que procuram desenvolver novas atitudes e estilos de suas respectivas identidades, potencializando todas as suas dimensões humanas na convivência cotidiana, na família e na sociedade, às vezes por vias equivocadas. A avidez do mercado descontrola o desejo de crianças, jovens e adultos. A publicidade conduz ilusoriamente a mundos distantes e maravilhosos, onde todo desejo pode ser satisfeito pelos produtos que têm caráter eficaz, efêmero e até messiânico. Legitima-se que os desejos se tornem felicidade. Como só se necessita do imediato, felicidade se pretende alcançar através do bem-estar econômico e da satisfação hedonista.²

2. Cf. DAp 49-50.

As novas gerações são as mais afetadas por essa cultura do consumo em suas aspirações pessoais e profundas. Crescem na lógica do individualismo pragmático e narcisista, que desperta nelas mundos imaginários especiais de liberdade e igualdade. Afirmam o presente porque o passado perdeu relevância diante de tantas exclusões sociais, políticas e econômicas. Para elas o futuro é incerto. Assim mesmo, participam da lógica da vida como espetáculo, considerando o corpo como ponto de referência de sua realidade presente. Têm nova atração pelas sensações e crescem na grande maioria sem referência aos valores e instâncias religiosas.³

O Papa Francisco na sua encíclica *Laudato si'* denuncia as várias formas de governar que promovem a injustiça em favor do benefício de alguns, “vários países são governados por um sistema institucional precário, à custa do sofrimento do povo e para benefício daqueles que lucram com este estado de coisas. Tanto dentro da administração do Estado, como nas diferentes expressões da sociedade civil, ou nas relações dos habitantes entre si, registram-se, com demasiada frequência, comportamentos ilegais”.⁴

Diante destas questões a ética cristã e a Igreja não podem limitar-se a assumir um comportamento crítico no confronto diante dos conflitos que a cultura moderna se encarrega de levantar, mas estabelecer um discurso ético que detecta, desmascara e examina as realizações não autênticas da prática humana; devem também colaborar na tentativa exaustiva de definir a responsabilidade do homem a respeito da distribuição dos bens naturais ou do bem comum de forma igual, ou seja, têm a função utópica, propor um ideal formativo para a construção da história humana. Somente assim os homens podem sentir que a Igreja participa das inseguranças de suas vidas que também esta colabora para encontrar soluções dos conflitos de hoje em dia. Para isto, são importantes as palavras do Concílio Vaticano II que revela a “íntima união da Igreja com toda a família humana”:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem,

3. Cf. *ibid.*, 51.

4. LS 142.

são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história⁵.

Percebemos que a própria Igreja assume que, para a realização de sua missão, tem que acompanhar o ser humano em suas situações concretas, no dia-a-dia das pessoas, valorizando a sua dimensão ética e social. Não se trata do homem abstrato, mas do homem concreto, histórico, inserido na sociedade. Esse homem concreto, situado, é o caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento de sua missão. Inclusive o fenômeno da sociedade é o sinal dos tempos, o pressuposto para a realização da missão da Igreja.

Em nossos tempos a face mais difundida e de êxito da globalização é sua dimensão econômica, que se sobrepõe e condiciona as outras dimensões da vida humana. Na globalização, a dinâmica do mercado absolutiza com facilidade a eficácia e a produtividade como valores reguladores de todas as relações humanas. Esse caráter peculiar faz da globalização um processo promotor de iniquidades e injustiças múltiplas. A globalização, tal como está configurada atualmente, não é capaz de interpretar e reagir em função de valores objetivos que se encontram além do mercado e que constituem o mais importante da vida humana: a verdade, a justiça, o amor, e muito especialmente a dignidade e os direitos de todos, inclusive daqueles que vivem à margem do próprio mercado.⁶

A partir do século XIX a ética cristã procura aproximar-se cada vez mais das formas pessoais de pensamento que se encontram na Bíblia e nas suas descrições da relação entre Deus e o homem. Novas vias se abriram para uma ética fundamentada na Palavra de Deus, expressa em uma linguagem muito próxima àquela de Jesus e com o método

5. GS 1.

6. DAp 61.

definido na maneira mais absoluta que o da jurisprudência. Assim surge a ética cristã que reflete sobre a integridade da pessoa humana derivante da sua relação com Cristo. A existência é agora adequadamente definida como “ser em Cristo”, isto é, Cristo deve tomar forma em mim pelo fato de eu construir minha vida através dos seus ideais.

Alguns critérios costumam ser enunciados com a finalidade de não ficar apenas no teórico, mas chegar à prática. Para isto, torna-se indispensável o conhecimento da realidade, a capacidade de julgar objetivamente as diversas situações, estruturas, sistemas econômicos, sociais e influxos ideológicos, a necessidade de um discernimento constante face às opções provindas dos movimentos sociais.

Pessoa humana centro da ética cristã

Compagnoni afirma que “a pessoa é o sujeito imediato dos direitos humanos e o termo de cada relação ética. Sem a pessoa a ética não é fenômeno último. A existência da pessoa em moral é intuída intelectualmente como última ou primeira verdade da ética”.⁷ Com isto, todos os membros da espécie humana têm valor ético pleno, porque todos eles têm uma natureza racional e são agentes morais, embora muitos deles não sejam capazes de exercer de imediato essas capacidades básicas.⁸ O conceito pessoa se refere a todo indivíduo concreto que possui um valor maior que o das coisas.

Carrasco de Paula, no artigo intitulado “Il concetto di persona e la sua rilevanza assiologica: i principi della bioetica personalista”, apresenta três argumentos considerados fundamentais e que estão na base do princípio personalista: 1. A afirmação feita por Tomás de Aquino: “Pessoa significa o que há de mais perfeito em toda a natureza, a saber, o que subsiste em uma natureza racional”. A dignidade da pessoa humana encontra aqui uma sustentação fortemente onto-

7. F. COMPAGNONI, La persona umana e la legge morale naturale. Problematica bioetica, in I. SANNA (ed.) *Dignità umana e dibattito bioetico*, 2009, p. 247.

8. P. LEE; R. p. GEORGE, The Nature and Basis of Human Dignity, in The President's Council on Bioethics, *Human Dignity and Bioethics: Essays Commissioned by the President's Council on Bioethics*, 2008, p. 412.

lógica; 2. Para o autor, é mérito de Kant, e está na obra “Fundamentos da metafísica dos costumes”, a pessoa impõe o imperativo categórico do agir em modo de tratar a humanidade, em si e nos outros, sempre como um simples fim e nunca como um meio; e 3. Refere-se à *Gaudium et spes*, que afirma: “O homem é a única criatura que Deus quis por si mesma”.⁹

A pessoa é indiscutivelmente a categoria básica da ética cristã, pois, a noção de dignidade humana faz referência incondicional à compreensão de pessoa, ou seja, a fonte da dignidade humana, puramente ontológica, ocorre do fato de o homem ser um sujeito, uma pessoa, um indivíduo existente.

Entendemos que a ética cristã que se fundamenta na pessoa humana coloca-nos uma antropologia de referência, e essa antropologia, esse personalismo ontológico, que é a base para a avaliação ético-teológica das diversas situações, busca entender o ser humano em sua essência, em sua natureza, em sua verdade, em sua totalidade e em sua unidade. Por isto, afirmamos que a ética cristã é ética da pessoa em sentido forte, a pessoa é realmente critério de discernimento e ponto de referência do bem e do mal moral. Assim como afirma Paul Ricoeur: “A pessoa continua o melhor candidato para afrontar as batalhas jurídicas, políticas, econômicas e sociais”.¹⁰ Mas qual pessoa? A pessoa considerada em sua unidade psico-física; em sua individualidade e relacionalidade, em sua finalização transcendental. O ser humano é plenamente compreensível dentro dessa finalização transcendente. A pessoa reconhece que é parte do universo material, e que o específico humano é aquilo que o transcende.

A afirmação bíblica de que os seres humanos foram criados à imagem de Deus tem sido tomada como o fundamento de igual valor para todos, ou seja, são iguais em seus direitos naturais à vida e à liberdade. Nós somos iguais uns aos outros, independentemente de nossas diferenças em termos de excelência de vários tipos. Todos nós recebemos nossa vida, igualmente, como um dom do Criador. Com

9. I. CARRASCO DE PAULA, Il concetto di persona e la sua rilevanza assiologica: i principi della bioetica personalista, in *Medicina e Morale* 54/2 (2004) p. 270.

10. P. RICOEUR, Meurt le personalisme, revient la personne..., in *Esprit* 1(1983), p. 115.

isto, o homem já não se limita à descrição dos processos biológicos, ele vai mais longe, é imagem do Criador.

Para a ética cristã o valor da vida humana não deriva do que uma pessoa faz ou exprime, mas de sua própria existência como ser humano. Roselló escreve que “a pessoa é *locus theologicus*, é o único lugar no mundo visível em que se pode conhecer a Deus como espírito pessoal, porque nos remete a Deus não somente em sua existência, mas também em sua essência”.¹¹ O filósofo Fernández del Valle define o ser humano como “um ser deiforme, porque tem a forma de Deus teofânico, porque através d’Ele se manifesta o Deus-Outro; e teotrópico, porque é o lugar de encontro com Deus”.¹² Esses traços conferem ao ser humano uma dignidade própria que vem da sua natureza de origem divina.

Diante de todo o debate ético e jurídico acerca do ser humano, somos chamados a descobrir o que nele é mais misterioso em sua dimensão ontológica e fundamentar todo um princípio de respeito à dignidade da pessoa em sua totalidade de corpo e alma. A corporeidade, a partir da perspectiva teológica, é também uma expressão de sua natureza teomórfica, ou seja, a dimensão corporal da pessoa é também concebida como *vestigium Dei*. Quer pelo seu grau de perfeição, de beleza ou de complexidade, é possível ver no corpo humano traços divinos.

Em uma sociedade como a nossa em que estamos comprometidos com a igualdade humana e seus direitos, não podemos deixar de nos preocupar com as diversas concepções de dignidade humana e não podemos desviar nosso olhar de nossos compromissos de pessoas com capacidades racionais. Em qualquer sociedade, mas certamente em uma com nossa história, temos de pensar cuidadosamente a respeito de que tipo de criatura mais alta entre os animais, porque é racional e vive em comunhão com Deus, o ser humano é, e como viver melhor de forma condizente com tal condição.

A vida é um bem confiado por Deus ao homem e que requer responsabilidade no agir em relação à própria vida e à vida de outros. O critério de liceidade das ações sobre a pessoa ou na comu-

11. F. T. ROSELLÓ, *¿Qué es la dignidad humana? Ensayo sobre Peter Singer, Hugo Tristram Engelhardt y John Harris*, 2005, p. 330.

12. Cf. A. B. F. del VALLE, *Meditación sobre la pena de muerte*, 1997, p. 135.

nidade é oriundo do cuidado e da responsabilidade ao bem humano, que é o bem integral da pessoa considerada como totalidade, em todas as suas dimensões e em todas as suas relações. Os seres humanos são mais do que apenas seres naturais, eles desejam ser vistos, em seu particular, distintos, significativos e respeitados.

A dignidade do ser humano, enraizada na dignidade da própria vida, completa-se e fica mais alta quando nos abrimos à intimidade do Criador; funciona como um espaço reservado para uma antropologia mais rica, mais desenvolvida da natureza humana e de sua ação. A dignidade não é um conceito inútil e tem de ser salva do reducionismo inumano das ciências modernas e da cultura de desprezo pela pessoa. Contudo, a antropologia teológica encara o ser humano na ordem histórica real, na ordem da natureza humana, da revelação e da salvação em Jesus Cristo, e se torna essencial na compreensão da pessoa e no respeito à sua dignidade.

A Bíblia concebe a tarefa ética do homem como uma resposta pessoal ao chamado de Deus, como Deus se manifesta a nós em sua Palavra, assim nós crescemos mediante a resposta que damos à Sua Palavra na comunhão com Deus. A linguagem bíblica fala desta grande vocação do homem. Isto infunde ao homem, mediante o encontro com o amor de Deus, uma força ética que chega a conhecer os próprios ideais em virtude deste amor de Deus. A abertura à transcendência é a origem da sua integridade pessoal. O homem recebe a partir das fontes de sua relação com Deus, relações que encontram em Cristo a sua maior profundidade, os seus impulsos essenciais para encontrar a própria identidade e para plasmar em maneira concreta a realidade.

A reflexão sobre a pessoa humana, sobre sua orientação à transcendência e sobre seu desenvolvimento torna-se para a ética cristã uma chave que lhe abre uma multiplicidade de bases objetivas da sociedade atual. A ética cristã está atenta à base objetiva da vida moderna e reflete sobre ela no horizonte da fé. Afirmamos com certeza de modo pacífico e dialogal que hoje a ética cristã procura aproximação com o saber da cultura tecnicamente e liberalmente diferenciada e estar aberta aos seus horizontes com senso.

O respeito à pessoa humana implica o dos direitos que derivam de sua dignidade de criatura e na sua promoção. Tais direitos são an-

teriores à sociedade. O Estado não pode arbitrariamente promulgar leis que ferem este princípio. Os bens de consumo devem ser utilizados com moderação; e os de produção devem ter em vista em primeiro lugar o bem comum, ainda que seja legítimo tirar deles justo proveito para quem os explora. Afirma o Papa Francisco, “o bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral. Exige também os dispositivos de bem-estar e segurança social e o desenvolvimento dos vários grupos intermédios, aplicando o princípio da subsidiariedade. Entre tais grupos, destaca-se de forma especial a família enquanto célula basilar da sociedade. Por fim, o bem comum requer a paz social, isto é, a estabilidade e a segurança de uma certa ordem, que não se realiza sem uma atenção particular à justiça distributiva, cuja violação gera sempre violência. Toda a sociedade — e, nela, especialmente o Estado — tem obrigação de defender e promover o bem comum”.¹³

Esta nova sensibilidade pela pessoa e o desenvolvimento objetivo da ética cristã, desenvolve também uma reflexão crítica a propósito da sociedade moderna; não se trata de suspeitar em linha de princípio da liberdade humana, não se trata de refutar a cultura moderna e depreciar o homem e sua aspiração à criatividade e uma vida bem sucedida. Ao contrário, é para proteger a vida humana e uma cultura da liberdade e da pessoa que a ética cristã toma consciência dos muitos riscos e muitas tensões que afligem a sociedade liberal e técnica. Tais riscos e tais tensões podem ameaçar ou mesmo destruir uma vida vivida com senso de humanidade e com dignidade. É a preocupação pela integridade e pelo desenvolvimento do homem como pessoa que motiva esta crítica sensível e empenhada, que atualmente se torna a base em primeiro plano.

A caridade núcleo e caminho da ética cristã

Diante de toda a realidade da sociedade atual e da percepção de pessoa o que podemos propor para a ética cristã? Segundo Mar-

13. LS 157.

ciano Vidal é preciso uma proposta da qual: se ame a pessoa, como Deus Pai a ama; se liberte a pessoa, como Cristo a libertou; se faça a pessoa viver em liberdade, como corresponde àqueles que vivem sob a “lei do Espírito que dá a vida em Cristo Jesus” (Rm 8,2).¹⁴

Os cristãos que se tornam ativos dentro da sociedade econômica-social de nosso tempo e lutam pela justiça e solidariedade, convençam-se de que podem contribuir muito para o bem-estar da humanidade e a paz do mundo. Individual e comunitariamente deem exemplo neste campo. Cada um adquira a competência profissional e a experiência que são absolutamente necessárias, respeite na ação temporal a justa hierarquia de valores, com fidelidade a Cristo e a seu Evangelho, a fim de que toda sua vida, assim a individual como a social, fique repleta do espírito das bem-aventuranças, e particularmente com o espírito de solidariedade em especial para com os pobres. Quem com obediência a Cristo busca antes de tudo o Reino de Deus e a Sua justiça, encontra neste um amor mais forte e mais puro para ajudar a todos seus irmãos e para realizar a obra da justiça sob a inspiração da caridade. “Vai crescendo a convicção de que o gênero humano não só pode e deve aumentar cada vez mais o seu domínio sobre as coisas criadas, mas também lhe compete estabelecer uma ordem política, social e econômica, que o sirva cada vez melhor e ajude indivíduos e grupos a afirmarem e desenvolverem a própria dignidade”.¹⁵

Como os cristãos dos primeiros séculos, temos que voltar a fazer a experiência salvífica da *Parusia* iminente, sendo conscientes de que salvação não chega de uma vez para sempre, senão que está sempre em processo e que esta salvação começa a concretizar-se aqui na história e na realidade do povo. Que seja uma salvação do homem integral. O Reino, presente em nosso meio, está sempre em construção: “A espera de uma terra nova não deve debilitar, pelo contrario, deve avivar, a preocupação por aperfeiçoar esta terra”.¹⁶

Por estes caminhos deve-se transitar a ética cristã pautada pela caridade; e são os caminhos que deve abrir e abalizar. A ética cristã

14. Cf. M. VIDAL, *Nova moral fundamental: o lar teológico da ética*, 2003, p. 23.

15. GS 72.

16. GS 39.

impulsiona a construir um mundo solidário, que responda às grandes aspirações humanas de igualdade e liberdade, que defenda e guarde a dignidade e os direitos humanos à luz da fé.

A fonte e o fundamento para poder conseguir defender a dignidade da pessoa e a vida social justa é a caridade que, segundo a pregação de Jesus, condensa toda a lei e os profetas. Porém, infelizmente, como afirma o Papa Francisco, “o reconhecimento da dignidade peculiar do ser humano contrasta frequentemente com a vida caótica que têm de fazer as pessoas nas nossas cidades”.¹⁷ Remeter-se à caridade, ao projetar o comportamento das pessoas, é remeter-se à raiz da ética cristã, que temos que compreender e viver desde sua profunda dimensão social e política, que afeta todo o dinamismo da vida cristã. Inspirados na caridade, poderemos realizar “a obra da justiça”.¹⁸

A Sagrada Escritura, alma da ética cristã

O grande desafio da ética cristã é a articulação entre a ética cristã formulada e a ética vivida, ou seja, a teologia iluminar a práxis como caminho para a humanização e realização do homem. A resposta a este desafio é formulada por M. Vidal, “...minha opinião é que o paradigma para integrar essas duas perspectivas (conteúdos da fé e os conteúdos da razão na moral da vida humana) deve ser o utilizado na teologia pós-conciliar: articular a ‘razão autônoma’ (com suas próprias leis e sua peculiar epistemologia) dentro dos significados das ‘referências teônomas’”.¹⁹ A fé cristã fornece a forma para a ética; o agente moral racional fornece a matéria da ética.

Portanto, a ética cristã integra “evidências” racionais e “convicções” crentes. As primeiras constituem o dinamismo da autonomia, que se concentra na aceitação da racionalidade humana e na opção pela causa axiológica do humano; as segundas orientam o dinamismo

17. GS 154.

18. Cf. Eugenio ALBURQUERQUE, *Moral Social Cristiana*, 2006, p. 5-7.

19. M. VIDAL, *Evangelium vitae*: Uma encíclica de traços fortes e chocantes. Perguntas de um teólogo católico diante da encíclica. In *Concilium*, 259/3 (1995), p. 598.

da teonomia que pode ser expresso através da categoria do absoluto que se faz presente em Cristo e que, dentro do contexto histórico-real da comunidade crente, questiona radicalmente o humano com a esperança ativamente escatológica.²⁰

Enfocar uma ética cristã que se fundamenta na racionalidade e na fé a serviço do homem é entendê-la conforme o Concílio Vaticano II: “É a pessoa humana que deve ser salva. É a sociedade humana que deve ser renovada. É, portanto, o homem considerado em sua unidade e totalidade, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade”.²¹ Portanto, na ética cristã, há duas intuições centrais que se tornam a coluna vertebral, ou seja, seus fundamentos e tema principal: a razão dialógica, iluminada pela fé.

A reflexão da ética cristã, cientificamente elaborada, tem como fontes a Escritura, a Tradição, o Magistério da Igreja²² sempre em relação com a lei natural, razão humana, psicologia, antropologia, história, biotecnologia etc.; estes são os lugares de onde emergem os princípios de uma ética teológica. A ética-teológica é formulada a partir de critérios científicos com bases racionais fundamentada na especificidade cristã. O Vaticano II não fala explicitamente de fontes, mas usa a fórmula “à luz do Evangelho e da experiência humana”.²³

A Constituição *Dei Verbum* ensina que “a teologia se apoia, como seu cimento perdurável, na Sagrada Escritura unida à tradição... por isso, a Escritura deve ser a alma da Teologia”.²⁴ “Para os cristãos, a Sagrada Escritura não é somente a fonte da revelação, a base da fé, mas também o imprescindível ponto de referência da moral”.²⁵

No campo específico da ética cristã, o Concílio deseja que esta “seja nutrida com maior intensidade” pela fonte bíblica²⁶. Portanto,

20. Cf. M. VIDAL, Fundamentação da ética-teológica. In *Ética-teológica: conceitos fundamentais*, p. 222-223.

21. GS 3.

22. DV 24.

23. GS 46.

24. DV 24.

25. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *Bíblia e moral. Raízes bíblicas do agir cristão*, 2009, prefácio, p. 5.

26. Cf. OT 16.

podemos dizer que não existe doutrina cristã que não tenha sua fonte na Sagrada Escritura e na Tradição. Podemos afirmar então que, a existência de uma ética cristã nos leva à necessidade de encontrarmos coerência interna ao conhecimento ético. As fontes da ética cristã se concretizam nos seguintes aspectos: o uso do argumento racional no conhecimento teológico moral; a relação entre Bíblia e conhecimento teológico moral; a relação entre Tradição-magistério e conhecimento teológico moral. Partindo destes princípios é preciso encontrar o lugar da eticidade dentro da estrutura geral da existência cristã. A problemática consiste no entendimento epistêmico das fontes apresentadas; na explicitação das Escrituras, no que a razão humana consegue explicitar para a vida moral do homem, e no como entender a “lei natural”.

A ética vivida pelos cristãos é, por conseguinte, uma ética que se desenrola num contexto decisivo, irrenunciável e interiorizado de fé, que se expressa em conteúdos transformadores concretos da realidade humana. A fé é “fonte” de uma ética específica, que deve ser entendida e vivida como uma ética própria da vida. Ética a partir do específico de Jesus Cristo que, com suas Palavras e seus feitos, com sua práxis libertadora fundamental pela opção preferencial pelos pobres “como sujeitos sociais” na construção do Reino de Deus, reino de fiéis livres em Cristo.²⁷

Portanto, a ética teológica, se corretamente desenvolvida a partir de fontes teológicas com fundamentação racional, é capaz de dar contribuições seguras aos questionamentos éticos que surgem em nossos dias: distinguindo entre o que é eticamente praticável e o que não é eticamente praticável.

Podemos citar como exemplo de orientações fundamentais: a “posição central” do Decálogo tanto no Antigo como no Novo Testamento²⁸; a moral evangélica, cuja “carta magna” é o Sermão da Montanha, enfatizando as Bem-aventuranças²⁹; “*Sequela Christi*” = seguimento de Cristo, norma suprema da moral cristã³⁰; a lei do Espírito

27. Cf. Bernard HÄRING, *Livres e fiéis em Cristo*, 1980, p. 100.

28. Cf. VS 10-14.

29. Ibid., 15-18.

30. Ibid., 19-21.

ou “lei nova”³¹; a catequese moral da comunidade primitiva cristã, tal como é refletida nos diversos escritos do Novo Testamento³².

Fundamento cristológico para a ética

A fiel compreensão da Escritura permite evitarmos o seu uso fundamentalista e seletivo. A Sagrada Escritura nos revela como uma fonte inesgotável de costumes éticos e indicações para a vida cristã.

O núcleo da fundamentação ética cristã passa necessariamente pelo reconhecimento de Jesus Cristo como Senhor da humanidade e da história, conforme as categorias da encarnação e as consequências para a vida dos homens. Sempre que percorremos o itinerário cristológico sobre o coração ou a intrínseca dimensão social e ética da fé, chegaremos à centralidade deste mistério ou lei da encarnação na pessoa de Jesus e na história da salvação plena. A condição de Jesus como Cristo de Deus torna normativa a sua pessoa, sua obra e sua palavra para a realização do homem em sua inteira humanidade, e afirmamos que a humanidade é salva em todas as dimensões ou planos, sem exceção.

Que impacto concreto provoca a encarnação de Cristo quando refletimos a partir da chave da ética cristã? Jesus não tem nem é portador de uma mensagem estritamente política ou social, sua mensagem religiosa, sua ação e sua pessoa tem uma incidência na vida da sociedade e, portanto, significação ética. A centralidade do reinado de Deus, presente na Pessoa de Jesus, em sua pregação, em suas obras, e concebido como Boa-Nova para os pobres, aqueles para os quais Deus nunca tinha sido Boa-Nova, tem impacto direto na vida das pessoas, não só nas de seu tempo mas também em nosso tempo.

A fundamentação cristológica encontra um modo mais concreto nas atitudes preferenciais de Jesus, as quais conformarão o seguimento ético dos cristãos. Jesus é para seus discípulos fundamental imperativo ético. “A atuação faz do anúncio do Reino de Deus uma realidade que abarca a justiça, num serviço preferencial aos mais po-

31. Ibid., 22-24.

32. Ibid., 25-27.

bres, livre perante a lei, o culto e o poder, firme e fiel até a morte. Isto mostra a dinâmica do compromisso ético de sua vida, o que constitui um horizonte normativo para os seus seguidores”.³³ Na vida e nos ensinamentos de Jesus encontramos fonte constante para o modo de ser e de comportar-se cujos significados são decisivos para a ética cristã. A finalidade social dos Evangelhos consiste na construção de um projeto que procura ser a expressão de um sujeito ético e responsável, aberto aos demais, aos iguais e diferentes, em fraternidade e comunitária, para construir um mundo justo, fraterno e solidário.

O Papa João Paulo II em uma de suas reflexões dirigida aos bispos, sacerdotes e religiosos enfatiza a necessidade de orientação da missão de cada um para o campo da ética: “A alma que vive em contato habitual com Deus e se move dentro do ardente raio de seu amor, sabe defender-se com facilidade da tentação de particularismos e antíteses, que criam o risco de dolorosas divisões; sabe interpretar, à justa luz do Evangelho, as opções pelos mais pobres e por cada uma das vítimas do egoísmo humano, sem ceder a radicalismos sociopolíticos, que com o tempo se revelam inoportunos, contraproducentes e geradores eles próprios de novas violações. Sabe aproximar-se das pessoas e inserir-se no meio do povo, sem questionar a própria identidade religiosa, nem obscurecer a ‘originalidade específica’ da própria vocação que deriva do peculiar ‘seguimento de Cristo’, pobre, casto e obediente.”³⁴

Uma ética cristã não pode ignorar que o cristão é chamado e remido em Cristo, isto é, a dimensão da fé cristã qualifica uma antropologia cristã. A estrutura da responsabilidade cristã tem uma dimensão de revelação (cf. Jo 15,22; Jo 9,41), por isto, a ética cristã atual propõe à sociedade moderna, para que possa orientar-se em seus princípios, a pessoa livre, numa relação com Deus e por Ele orientada, inserida no contexto da comunidade e da cultura. A ética cristã procura integrar a sociedade moderna colocando-a ao serviço do homem como *persona*, uma pessoa, que tem a coragem de caminhar em direção da liberdade e da responsabilidade. Importante saber reco-

33. Nilo AGOSTINI, *Teologia moral. O que você precisa viver e saber*, 2003, p. 259.

34. JOÃO PAULO II, Discurso do Papa João Paulo II aos Superiores Maiores Religiosos, 24-11-1978.

nhecer a importância do mundo como criação, da dignidade do homem vivente imagem de Deus e das relações comunitárias. Fé cristã e comportamento cristão são realidades eclesiais e comunitárias.

Diante disto perguntamos: Qual o constitutivo do valor da ética cristã? O valor ético cristão consiste no dinamismo de cristianização crescente do fiel na história da humanidade. O ideal de realização de cada pessoa humana deve ser conquistado de modo dinâmico nas categorias da história. O constitutivo específico do valor ético cristão é o Cristo, enquanto encarnado no viver de cada crente.

O próprio Cristo diz que não veio abolir a lei, mas dá-la pleno cumprimento. A lei nova significa a interiorização da norma e da vivência ética pelo Espírito. Sendo assim, nenhuma lei exterior se impõe ao cristão como obrigação moral. O cristão é livre de qualquer imposição heterônoma, mas ele se guia por um dever ético a partir de sua consciência. Para não sucumbir à tentação do subjetivismo, seu dever ético consiste em viver de modo coerente com a condição de “homem novo em Cristo”, segundo a expressão de São Paulo no diálogo constante com a sua consciência compreendida como a voz de Deus.

Verifica-se uma tendência para a afirmação exasperada de direitos individuais e subjetivos. Essa busca é pragmática e imediatista, sem preocupação com critérios éticos. A afirmação dos direitos individuais e subjetivos, sem um esforço semelhante para garantir os direitos sociais culturais e solidários, resulta em prejuízo da dignidade de todos, especialmente daqueles que são mais pobres e vulneráveis.³⁵

A perfeição do comportamento moral consiste em assumir subjetivamente com reta intenção a norma ou dever moral objetivo corretamente discernido na e para a situação concreta. Toda a questão da ética cristã consiste em compreender a integração adequada dos dois componentes no comportamento das pessoas, evitando ao mesmo tempo um objetivismo exagerado, que nega o valor da liberdade criativa e responsável do sujeito, e o relativismo subjetivista, que destrói os fundamentos de uma socialização da norma moral e, por conseguinte, de uma vida social moralmente ordenada.³⁶

35. Cf. DAp 47.

36. Cf. GS, 16.

A consciência reta (cf. Rm 14,14.23) atua de acordo com a autenticidade da pessoa, age com prudência e procura encontrar o eco da voz de Deus no seu interior.³⁷ Esta é a consciência mais necessária das quais precisamos (retidão moral). Tende naturalmente a buscar a verdade moral objetiva. Por isto não ignora o dever ou o compromisso de formar devidamente a consciência moral, cultivar o senso de honestidade. A alma da moralidade cristã é a coerência.

Agir de acordo com a reta razão é um princípio ético que perpassa toda a filosofia grega. Kant em seu imperativo categórico afirma que o mal moral é encarado como desobediência à lei moral que brota da razão humana. A exigência moral consiste em agir pelo reconhecimento completo e conseqüente da dignidade humana; esta é a qualidade que nós, seres racionais, devemos respeitar; a bondade moral reside na atitude coerente com a realidade de pessoa, que é absoluta e não relativa.

O Concílio Vaticano II explicitou, na Constituição pastoral *Gaudium et spes*, o compromisso do cristão na vida da sociedade, com a seguintes palavras:

Indivíduos, famílias, agrupamentos diversos, todos o que constituem a comunidade civil, têm consciência da própria insuficiência para instaurar plenamente a vida humana e percebem a necessidade de uma comunidade mais vasta, na qual todos empenhem diariamente as próprias forças para alcançar sempre melhor o bem comum. Por esse motivo organizam a comunidade política segundo várias formas. Pois a comunidade política existe por causa daquele bem comum: nela obtém sua plena justificação e sentido, de onde deriva o seu direito primordial e próprio.³⁸

Diálogo da ética cristã com a cultura moderna

A ética diz respeito à identidade das pessoas e das culturas, enquanto a religião desenvolve e sistematiza a ética mostrando um

37. Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 1800.

38. GS 74.

vínculo profundo entre ética e religião. Este estreito vínculo é apresentado por São Paulo na carta aos Romanos 2,14s: “Se, pois, os pagãos, que não têm Lei, cumprem naturalmente os preceitos da Lei, eles mesmos, não tendo Lei, são para si a Lei. Com isto mostram que os preceitos da Lei estão escritos em seus corações, sendo testemunha sua consciência”. Nessa linha, o profeta Jeremias (31,31-34), no período antes de Cristo, anuncia que Javé propõe-se intervir no sentido de mudar o coração do homem, tornando-o apto para fazer as escolhas mais corretas. Só com um coração transformado, o homem será capaz de acolher as propostas de Deus e de conduzir a sua vida de acordo com esses valores que lhe asseguram a harmonia, a paz, a verdadeira felicidade.

Em Aparecida os bispos afirmam que vivemos uma profunda mudança de época em seus diversos níveis, cultural, econômico, tecnológico etc. As variações sociais, econômicas e tecnológicas estão na base da profunda vivência do tempo, trazendo concepções de inconsistência, insegurança e instabilidade. Deixa-se de lado a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos, à criação de novos e muitas vezes arbitrários direitos individuais, aos problemas da sexualidade, da família, das enfermidades e da morte. A utilização dos meios de comunicação de massa está introduzindo na sociedade um sentido estético, uma visão de respeito da felicidade, uma percepção da realidade e até uma linguagem que querem impor-se como autêntica cultura. Desse modo, termina-se por destruir o que de verdadeiramente humano há nos processos de construção cultural, que nascem do intercâmbio pessoal e coletivo.³⁹

Essa cultura se caracteriza pela autorreferência do indivíduo, que conduz à indiferença pelo outro, de quem não necessita e por quem não se sente responsável. Prefere-se viver o dia a dia, sem programas a longo prazo nem apegos pessoais, familiares e comunitários. As relações humanas estão sendo consideradas objetos de consumo, conduzindo as relações afetivas sem compromisso responsável e definitivo.⁴⁰ “A pessoa humana é um ser social por sua

39. Cf. DAp 44-45.

40. Cf. *ibid.*, 46.

natureza: ou seja, pela sua indigência inata e pela sua tendência conatural a comunicar-se com os outros. Esta sociabilidade humana é o fundamento de todas as formas de sociedade e das exigências éticas que nelas estão inscritas. O homem não se basta a si mesmo, mas tem necessidade dos outros e da sociedade”.⁴¹

A ética cristã insere os princípios teológicos no conhecimento objetivo e no diálogo pluralista da cultura democrática moderna. Mas principalmente ajuda a mostrar como o homem deve agir iluminado pela fé cristã, como a sociedade moderna pode colher e utilizar concretamente as oportunidades de possibilidades da vida livremente e tecnicamente desenvolvida. A ética cristã busca abranger a vida humana vivida de maneira pessoal e livre, caracterizada pela relação de respeito para com o meio ambiente com o outro, e de um humilde reconhecimento dos limites do poder humano. Somente o homem pode influenciar com o seu comportamento o desenvolvimento futuro, de modo tal que a sua atividade não se torne a causa de uma destruição ecológica, técnica e social. Ele deve assumir-se pessoalmente esta responsabilidade na consciência de todos os seus limites.

“A destruição do ambiente humano é um fato muito grave, porque, por um lado, Deus confiou o mundo ao ser humano e, por outro, a própria vida humana é um dom que deve ser protegido de várias formas de degradação. Toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades”.⁴² Para orientar-se neste campo, o homem dispõe de ajuda, e precisamente do diálogo sincero, científico, objetivo e intercultural, ao longo da tradição da ética cristã e, sobretudo, a confiança na solicitude amorosa de Deus.

A fé cristã infunde em última análise a certeza que Deus acompanha também hoje o homem em suas dificuldades e difíceis decisões. Tal certeza torna-se o horizonte de uma profunda esperança, e precisamente da esperança que a teologia fala da promessa feita neste sentido por Deus de Jesus Cristo.

41. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Doutrina social da Igreja na formação sacerdotal*, 1989, n. 34.

42. DAp 5.

Isso nos deveria levar a contemplar os rostos daqueles que sofrem. Entre eles, estão as comunidades indígenas e afro-americanas que, em muitas ocasiões, não são tratadas com dignidade e igualdade de condições; muitas mulheres são excluídas, em razão de seu sexo, raça ou situação socioeconômica; jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não tem oportunidade de progredir em seus estudos nem de entrar no mercado de trabalho para se desenvolver e constituir uma família; muitos pobres, desempregados, imigrantes, deslocados, agricultores sem terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal; meninos e meninas submetidos à prostituição infantil, ligada muitas vezes ao turismo sexual. Milhões de pessoas e famílias vivem na miséria e inclusive passam fome. Preocupam-nos os dependentes das drogas, portadores do HIV-AIDS, que sofrem a solidão e se veem excluídos da convivência familiar e social. As vítimas da violência e insegurança nas cidades. Também os anciãos que, além de se sentirem excluídos do sistema produtivo, veem-se muitas vezes recusados por sua família como pessoas incômodas e inúteis. A situação desumana em que vive a grande maioria dos presos, que também necessitam de nossa presença solidária e nossa ajuda fraterna. Uma globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de algo novo: a exclusão social. Com ela a pertença à sociedade na qual se fica afetada na raiz, já não está abaixo, na periferia ou sem poder, mas está fora. Os excluídos não são somente explorados, mas “supérfluos” e “descartáveis”.⁴³

Papa Francisco alerta sobre a política de exclusão:

Gostaria de assinalar que muitas vezes falta uma consciência clara dos problemas que afetam particularmente os excluídos. Estes são a maioria do planeta, milhares de milhões de pessoas. Hoje são mencionados nos debates políticos e econômicos internacionais, mas com frequência parece que os seus problemas são colocados como um apêndice, como uma questão que se acrescenta quase por obrigação ou periféricamente, quando não são considerados meros danos colaterais.⁴⁴

43. Cf. DAp 65.

44. DAp 49.

O Beato Papa Paulo VI dirigindo-se à FAO falou que, “os progressos científicos mais extraordinários, as invenções técnicas mais assombrosas, o desenvolvimento econômico mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se necessariamente contra o homem”.⁴⁵ Percebemos, a cada dia, quais os efeitos que a ausência de uma ética verdadeira produz em nossa vida, seja privada ou pública. Sem uma educação para a vida ética não garantimos nem mesmo uma tranquila viagem por uma rodovia ou um passeio pelos nossos bosques.

O conhecimento de uma ética cristã coloca-nos diante da sociedade e chama nossa atenção para o papel do cristão na atividade social. Em nossos dias ouvimos e lemos estatísticas que revelam o desempenho dramático da economia e do mundo do trabalho, gerando desequilíbrio social, crises sociais e desemprego. Vivemos na dependência da crise econômica global e, ao mesmo tempo, da consequência de raízes de nossas estruturas econômicas e social, obrigando-nos a repensar o modelo de desenvolvimento vigente. O Papa Francisco em sua mensagem para a “Quaresma de 2014”, convoca-nos a ver as misérias dos irmãos, a tocá-las, a ocupar-nos delas e a trabalhar concretamente para as aliviar; afirma que: “A miséria não coincide com a pobreza; a miséria é a pobreza sem confiança, sem solidariedade, sem esperança” e faz a distinção entre “três tipos de miséria: a miséria material, a miséria moral e a miséria espiritual”⁴⁶. Junto com a ênfase na responsabilidade individual em meio a sociedade que promovem o acesso aos bens através dos meios, paradoxalmente, se nega às grandes majorias o acesso aos mesmos bens que constituem elementos básicos e essenciais para viverem como pessoas.⁴⁷

Um dos instrumentos de atividade da ética cristã para a leitura social atual é a Doutrina Social da Igreja (DSI). É preciso alertar que a DSI não pretende propor um modelo preciso de sociedade, mesmo porque ela não tem soluções técnicas para oferecer. A DSI

45. PAULO VI, *Discurso à FAO, no seu XXV aniversário* (16 de novembro de 1970), in *L'Osservatore Romano* (ed. Portuguesa) 22/XI/1970), p. 6.

46. FRANCISCO, *Mensagem para a Quaresma de 2014 — Fez-Se pobre, para nos enriquecer com a sua pobreza* (cf. 2Cor 8,9).

47. Cf. DAp 54.

propõe princípios orientadores para o bem social. São princípios fundamentados na fé e na moral cristã em favor da dignidade humana, em vista do desenvolvimento social, a partir do próprio homem. A DSI não prioriza a riqueza produzida e nem desempenho econômico, mas a pessoa humana, a qual todos os bens são dirigidos. A aceitação deste princípio básico fornece uma chave essencial para criar um autêntico caminho de progresso, impedindo que o homem seja tratado como meio ou como peça da engrenagem comercial. A DSI não esquece o bem-estar social e pessoal, mas valoriza a dignidade da vida humana como caminho do bem-estar social, pessoal e meio para um desenvolvimento que favoreça a todos e não somente a alguns. Afirmamos que “o homem é o protagonista, o centro e o fim de toda a vida econômico social”.⁴⁸

O conceito da transformação social através da ética iluminada pela vida de Cristo vem ao encontro do pensamento da *Gaudium et spes* quando descreve que os desequilíbrios sociais “estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem”.⁴⁹ Nessa linha de pensamento, a *Gaudium et spes* professa a necessidade de transformar a sociedade a partir da fé, “porque a fé ilumina todas as coisas com uma luz nova”⁵⁰, possível quando se valorizar a pessoa humana em sua dignidade e em sua totalidade⁵¹. Isto só é possível em corações santificados pela mística e pela espiritualidade do Evangelho. “Cremos que a sociedade atual não será salva pelos políticos, pelos doutores em sociologia ou por algum herói, mas por pessoas santas”, afirmou o economista Giuseppe Toniolo (1845-1918).

Por isso, frente a essa forma de vida social, sentimos forte chamado para promover uma sociedade diferente, que esteja marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos. Ser bom, corajoso, honesto, verdadeiro, justo, caridoso, fiel é reconhecer o valor que há em agir conforme a ética cristã e considerar repugnante pensar em envolver-se em atos ilícitos e desonestos.

48. GS 63.

49. Ibid., 10.

50. Ibid., 11.

51. Ibid., 12.

Referências

- V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2011.
- AGOSTINI, Nilo. *Teologia moral. O que você precisa viver e saber*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ALBURQUERQUE, Eugenio. *Moral Social Cristiana*. Madrid: San Pablo, 2006.
- CARRASCO DE PAULA, I. “Il concetto di persona e la sua rilevanza assiologica: i principi della bioetica personalista”. In *Medicina e Morale* 54/2 (2004) p. 265-278.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.
- COMPAGNONI, F. “La persona umana e la legge morale naturale. Problematologia bioetica”. In I. SANNA (ed.) *Dignità umana e dibattito bioetico*. Roma: Edizioni Studium, 2009.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- . *Decreto Optatam totius*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Doutrina social da Igreja na formação sacerdotal*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato si'*, sobre o cuidado da casa comum, <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/pa-pafrancesco—20150524—enciclica-laudatosi.pdf> >. Acesso em: 22 de junho de 2015.
- . Mensagem para a Quaresma de 2014 — Fez-Se pobre, para nos enriquecer com a sua pobreza (cf. 2Cor 8,9).
- HÄRING, Bernard. *Livres e fiéis em Cristo*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- JOÃO PAULO II. *Carta encíclica “Veritatis splendor” sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- . Discurso do Papa João Paulo II aos Superiores Maiores Religiosos, 24-11-1978.
- LEE, P.; GEORGE, R. P. “The Nature and Basis of Human Dignity”. In *The President’s Council on Bioethics, Human Dignity and Bioethics: Essays Commissioned by the President’s Council on Bioethics*, Washington D.C., 2008.

- PAULO VI, Discurso a FAO, no seu XXV aniversário (16 de novembro de 1970), in *L'Osservatore Romano* (ed. Portuguesa) 22/XI/1970, p. 6.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e moral. Raízes bíblicas do agir cristão*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- RICOUER, Paul. “Meurt le personnalisme, revient la personne...”. In *Esprit* 1(1983) p. 113-119.
- ROSELLÓ, F. T. *¿Qué es la dignidad humana? Ensayo sobre Peter Singer, Hugo Tristram Engelhardt y John Harris*. Barcelona: Herder, Institut Borja de Bioètica, 2005.
- VALLE, A. B. F. del. *Meditación sobre la pena de muerte*. México: FCE, 1997.
- VIDAL, Marciano. *Evangelium vitae: uma encíclica de traços fortes e chocantes. Perguntas de um teólogo católico diante da encíclica*. In *Concilium*, 259/3 (1995) p. 590-612.
- . *Fundamentação da ética-teológica*. In *Ética-teológica: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- . *Nova moral fundamental: o lar teológico da ética*. Aparecida: Santuário, 2003.